PORTUGUÊS

Lima Barreto
José de Alencar
Augusto dos Anjos
Machado de Assis
Cruz e Souza
Pero Vaz de Caminha
Luis de Camões
Castro Alves
Cláudio Manoel da Costa
Bento Teixeira
VIRTUALBOOKS

O BADEJO
Artur Azevedo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG

O BADEJO
Artur Azevedo

Comédia em três atos, em verso

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro São Pedro de Alcântara, no dia 15 de outubro de 1898, por iniciativa do CENTRO ARTÍSTICO *pelo corpo cênico do* ELITE-CLUB

Ao
Doutor João do Rego Barros

AMIGO DA ARTE E DOS ARTISTAS

O.D.C.

Artur Azevedo

PERSONAGENS	*ATORES*
JOÃO RAMOS	Senhor FREDERICO COSTA
LUCAS	Senhor ORLANDO TEIXEIRA
BENJAMIN FERRAZ	Senhor TEIXEIRA JÚNIOR
CÉSAR SANTOS	Senhor ANTÔNIO SANTOS
UM COZINHEIRO	Senhor COLOMI CASTELÕES
UM COPEIRO	Senhor CARLOS DE FREITAS
AMBROSINA	Senhorita CONSTANÇA TEIXEIRA
DONA ANGÉLICA	Dona OLGA PRUDENTE

A cena passa-se no Rio de Janeiro.
Atualidade.

ATO PRIMEIRO

Sala de visitas, bem mobiliada, em casa de João Ramos. Três portas ao fundo, dando para o jardim. Uma porta à direita comunicando com a sala de jantar e outra à esquerda, dando para os dormitórios. À esquerda uma mesa com álbuns, porta-cartões, etc. À direita um sofá. Consolo ao fundo. Piano. Cadeiras.

CENA I

JOÃO RAMOS *(Só.)*

[RAMOS *(Só.)*] — O almoço com certeza vai custar-me
Uns duzentos mil réis, afora os vinhos;
Mas se caso a Ambrosina, ainda é barato,
Porque muito me custa a senhorita.
Das minhas rendas a metade vai-se
Em vestidos, chapéus, leques e luvas,
Espetáculos, bailes e concertos;
Ela casada, cessam tais despesas;
É preciso, porém, que o noivo seja
Um rapaz sério e não nenhum pelintra
Que deseje viver à minha custa:
Pior seria a emenda que o soneto.

Mas não são as despesas que me ralam;
Não sou unhas-de-fome, Deus louvado;
Rala-me a idéia de bater a bota,
E deixar a pequena sem marido,
Exposta sabe Deus a que perigos!
Dirão que meto minha filha à cara
Dos pretendentes; ora adeus! que o digam!
A Ambrosina já fez vinte e dois anos:
É tempo de arranjar-lhe casamento.

CENA II

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, o COZINHEIRO

ANGÉLICA — Ora aqui tens o nosso cozinheiro.
Desejavas ouvi-lo: aqui to trago.
Entra, Fabrício.
(O cozinheiro entra.)
Quer saber teu amo
O que arranjaste para o almoço. Fala.
O COZINHEIRO — Não pode ser melhor o meu cardápio.
RAMOS — Cardápio? Não conheço essa palavra!
O COZINHEIRO — Foi arranjada pelo Castro Lopes.
Eu não digo *menu,* que é francesismo.
RAMOS — Temos um cozinheiro literato!
O COZINHEIRO — Literato não sou, mas sou purista;
Embirro com palavras estrangeiras.
Hoje, que tudo se nacionaliza,
Nacionalize-se a cozinha!
RAMOS — Bravo!
O COZINHEIRO — Eu, diante do fogão, diante do forno,
Sou até jacobino!
RAMOS — Jacobino?
Lá como cozinheiro pode sê-lo,
Mas tão somente como cozinheiro,
Pois, conquanto eu viesse com dez anos
Para o Brasil, sou português, entende?
Jacobinos dispenso em minha casa!
O COZINHEIRO — Sou jacobino apenas cozinhando.
RAMOS — Pois cozinhando não devia sê-lo:
Você é um artista!
O COZINHEIRO — Eu, um artista?
RAMOS — Sim, um artista da arte culinária,

E a arte não tem pátria! Porém, vamos...
Diga lá o que temos para o almoço.

O COZINHEIRO — Em primeiro lugar os acepipes.
Hors-d'oeuvres não direi nem que me rachem!
Temos uma salada de lagostas.

RAMOS — Muito boa lembrança. Que mais temos?

O COZINHEIRO — Sardinhas, azeitonas, rabanetes,
Manteiga fresca...

RAMOS — E além dos acepipes?

O COZINHEIRO — Um enorme badejo.

ANGÉLICA — Que badejo!
Tão grande nunca vi!

RAMOS — E está bem fresco?

ANGÉLICA — Vivo à casa chegou.

O COZINHEIRO — Soltou, coitado,
Nas minhas mãos o derradeiro alento!
De camarões uma fritada temos,
Um primor culinário! Três galinhas
De cabidela. Espargos em manteiga.
E, para terminar, um bom churrasco.
Sorvetes de caju, frutas à ufa,
Queijo do reino, requeijão de Minas,
Baba de moça e doce de laranja.
Se não satisfizer este cardápio,
Que a espada de Vatel me arranque a vida
À exceção dos espargos e do queijo,
O meu almoço é todo brasileiro!

RAMOS — Mas a vinhaça é toda portuguesa:
Bucelas para acompanhar o peixe,
Depois Colares da viúva Gomes,
Vinho do Porto para a sobremesa
E duas garrafinhas de Champanha
Da marca Assis Brasil.

O COZINHEIRO — Estou contente,
Pois vejo que o Brasil também figura
Muito embora num rótulo.

ANGÉLICA — E os licores?

RAMOS — Deve ter vindo do armazém do Castro
Uma garrafa de Beneditinos.

(Ao cozinheiro.)

Bom. Pode retirar-se, e se o almoço
Ao meu gosto estiver, conte comigo.

O COZINHEIRO — Nenhuma recompensa mais desejo
Que salvar os meus créditos de artista...

RAMOS — Da arte culinária. Vá s'embora.
(O *cozinheiro vai se retirando.)*
É verdade. Ouça cá. Diga ao copeiro
Que se apresente, pra servir a mesa,
Encasacado e de gravata branca.
(O Cozinheiro sai.)

CENA III

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA

ANGÉLICA — Espero agora que afinal me contes
A história deste almoço.

RAMOS — É muito simples.
Lembras-te que no baile do Cassino,
O César Santos, moço encaminhado,
Com porcentagem numa casa forte,
Namorou nossa filha à rédea solta?

ANGÉLICA — E depois desse baile, muito embora
Nós moremos tão longe da cidade,
Muitas vezes nos passa pela porta,
E até parado fica ali na esquina.

RAMOS — Muito bem. Dize mais: não te recordas
Que, quando fomos ao Teatro Lírico,
Ao benefício da Maragliano,
O Benjamin Ferraz, que é moço rico,
Estava na platéia e não tirava
Do nosso camarote os olhos lânguidos?
E acabado o espetáculo, correndo
Postou-se à porta pela qual saímos,
E suspirou quando passou por ele
Ambrosina?

ANGÉLICA — Um suspiro escandaloso,
De olhos voltados e de mão no peito!

RAMOS — E ele não passa pela nossa porta?

ANGÉLICA — Todas as tardes passa, embora chova.
O outro passa de bonde e este a cavalo.

RAMOS — Pois eu, sabendo dessas passeatas,
Embora tu não me dissesses nada,
Como os achei à mão, ambos, anteontem,

Por mero acaso, na confeitaria,
Fi-los sentar-se à mesa em que eu me
[achava,
Paguei-lhes o vermute, apresentei-os
Um ao outro, mostrei-me muito amável,
E lembrei-me afinal de convidá-los
Para almoçar conosco hoje, domingo.

ANGÉLICA — Porém com que intenções os convidaste?

RAMOS — Minha amiga, bem sabes que os bons
[noivos
Dificilmente conquistar-se podem
Vendo-os passar no bonde ou no cavalo;
É preciso atraí-los; casamentos,
É de portas a dentro que se arranjam.
Se teu pai não me houvesse convidado
Para jantar na casa dele um dia,
Por sinal que era o dia dos teus anos,
Talvez não nos casássemos tão cedo;
Mas convidou-me e, por cautela, à mesa,
Ao lado teu me fez ficar sentado.
Quando veio o peru, éramos noivos;
Tratavas-me por tu à sobremesa;
Um mês depois estávamos casados,
E dez meses depois éramos três!

ANGÉLICA — Mas meu pai convidou-te a ti somente.
E tu a dois convidas...

RAMOS — O que abunda
Não prejudica, diz o velho adágio.
Teu pai não era tolo, minha amiga,
Apesar de ter sido sapateiro,
E se não estava outro mancebo à mesa,
É que não tinhas outro namorado...

ANGÉLICA *(Rindo.)*
— Sabes tu lá se o tinha ou se o não tinha!

RAMOS — Com este almoço dois coelhos mato
De uma só cacheirada!

ANGÉLICA — És econômico!
Para dois namorados, dois almoços!

RAMOS — Se fossem vinte, vinte almoços? Boas!
Colocada a Ambrosina entre os dois
jovens,
Escolher poderá muito à vontade.

ANGÉLICA — Mas é preciso preveni-la disso.

RAMOS — Justamente ela aí vem. Vamos falar-lhe.

CENA IV

RAMOS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA

AMBROSINA — A bênção, papai? Bom dia!
RAMOS — Deus te abençoe, minha filha.
Mas como tu vens casquilha!
Há muito que não te via
Tão enfeitada e catita!
AMBROSINA — Oh! Admira-se? Entretanto,
Ontem papai pediu tanto
Que me fizesse bonita!
Vê como estou imponente?
Que tal acha o meu vestido?
RAMOS — Muito espantado.
AMBROSINA — Duvido
Que papai diga o que sente.
RAMOS — De modas eu não entendo;
Sou ferragista, e asseguro
Que tenho juízo seguro
Sobre o que compro e o que vendo.
Quando alguém conhecer queira
A qualidade de um prego,
As minhas luzes não nego,
Posso falar de cadeira;
Mas quanto a farandulagens,
Fitinhas, laços, tetéias,
Sou muito curto de idéias!
Cá comigo é só ferragens!
Mas, minha filha, acredita,
Quando o contrário suponhas:
Com qualquer trapo que ponhas,
Acho-te sempre bonita.
(Dá-lhe um beijo.)
Bom. Temos que conversar
Sobre outro assunto, faceira.
Senta-te nesta cadeira;
Entre nós dois vais ficar.

(Coloca três cadeiras no proscênio; a do centro para Ambrosina, a da direita para Angélica, e da esquerda para si. Sentam-se todos três. Pausa.)

	Fala, Angélica!
ANGÉLICA	— Ora essa!
	Fala tu!
RAMOS	— Tu!
ANGÉLICA	— Tu!
RAMOS	— Mulher,
	Olha que eu não sei sequer
	Por onde é que é que se começa!
AMBROSINA	— É coisa grave?
RAMOS	— Oh! bem grave!
ANGÉLICA	— Anda! é o princípio que custa!
AMBROSINA	— Tanta hesitação me assusta!
RAMOS	— Não é nada que te agrave:
	Trata-se de casamento.
AMBROSINA	— De casamento?
RAMOS	— É verdade!
(Embaraçado e muito comovido.)	
	— Menina, chegaste à idade...
	Chegaste ao feliz momento...
	A felicidade tua
	É o nosso constante fito,
	E nós...
(Passando os dedos nos olhos.)	
	Lágrimas?... Bonito!...
(A Angélica.)	Agora tu continua.
ANGÉLICA	— Valha-te Deus! que maricas!
	Por qualquer coisa tu choras!
	Vamos! basta de demoras!
RAMOS	—Eu... tu... eu...
ANGÉLICA	— Vê em que ficas!
(Arremedando-o.)	
	Eu... tu... eu...
RAMOS	— Então que queres?
	Nem eu ouso, nem tu ousas!
	Fala tu: para estas coisas
	Têm mais talento as mulheres!
ANGÉLICA	— Minha filhinha, teu pai
	Convidou para um almoço
	Aquele moço...
AMBROSINA	— Que moço?
RAMOS	— Dize-lhe o nome.
ANGÉLICA	— Lá vai:

O César Santos?... Aquele
Que toda a tarde passeia
No bonde das cinco e meia?...
AMBROSINA — Sei quem é.
RAMOS — Tu gostas dele?
AMBROSINA — Eu não gosto nem desgosto...
ANGÉLICA — E foi também convidado
Aquele outro namorado?...
Quem é já sabes, aposto!
RAMOS — Dize o nome!
ANGÉLICA — Espera lá!
Ou falas tu ou eu falo!
RAMOS — Bom.
ANGÉLICA — Aquele do cavalo?
RAMOS *(Fingindo que está montado a cavalo.)*
— Hein? Patati, patatá!
AMBROSINA — O Benjamin?
ANGÉLICA — Justamente:
O Benjamin.
RAMOS — Desse gostas,
Ou não gostas nem desgostas?
AMBROSINA — Sim... não... É-me indiferente! ...
Ambos à casa hoje vêm,
Pra que eu escolha?...
RAMOS — Decerto.
Examina-os bem de perto;
Vê qual dos dois te convém.
AMBROSINA — Oh! nenhum deles me traz
À vida novos encantos...
RAMOS — Sim?
AMBROSINA — Nem o tal César Santos,
Nem o Benjamin Ferraz.
ANGÉLICA — Mas tu gostas de outro?
AMBROSINA — Não.
Não acho quem me cative;
Até hoje nunca tive
Cuidados no coração.
Quando o César Santos passa,
E eu estou acaso à janela,
Não fujo... não saio dela...
Ele sorri... Acho graça...
Faz mal que eu também sorria?...
Namoro?... talvez que o seja;
Mas nisso amor ninguém veja...

	Quando muito é simpatia.
ANGÉLICA	— Filha, lá disse o poeta:
	“Simpatia é quase amor”...
RAMOS	— Pois seja o poeta quem for,
	Disse uma asneira completa!
	Não foi Camões com certeza!
ANGÉLICA	— Foi Casimiro de Abreu
RAMOS	— Uma tolice escreveu;
	Digo-o com toda a franqueza!
AMBROSINA	— Quando passa o Benjamin,
	Montado no seu cavalo,
	E, sem tenção de esperá-lo,
	Vejo-o sorrir para mim,
	Eu lhe sorrio também...
	Mas... que exprime este sorriso?
	Que com ele simpatizo...
	E papai diz muito bem:
	Não é este sentimento
	Um quase amor. Que esperança!
	Minhalma livre descansa,
	Descansa o meu pensamento!
	Não me persegue o desejo
	De os ver passar pela porta.
	E quando os vejo, que importa?
	Que importa quando os não vejo?
	Se papai julga que devo
	Desde já mudar de estado,
	Antes que tenha falado
	Meu coração, não me atrevo
	A contrariá-lo, oh! não!...
	Mas entre os dois pretendentes,
	Ambos pessoas decentes,
	Não faço a menor questão.

RAMOS *(Erguendo-se.)*

— Bravo!

(Ambrosina e Angélica também se erguem.)

AMBROSINA	— Papai, se quiser,
	Estude, examine, escolha;
	Mas permita que eu me encolha...
RAMOS	— Qualquer te serve?
AMBROSINA	— Qualquer.

(Lucas entra como um raio. Surpresa geral. Alegria.)

CENA V

JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA, LUCAS

LUCAS — Que Deus esteja nesta casa!
TODOS *(Contentes.)* — O Lucas!
LUCAS — O Lucas, sim, que, sem mandar aviso,
Abalou de São Paulo ontem cedinho,
Passou parte da noite num teatro,
Dormiu no Grande Hotel, onde espichado
Na cama, refletiu: de manhã cedo
Tomo o meu banho, faço a minha barba
E ao palacete vou do velho Ramos
Causar uma surpresa àquela gente.
Como é domingo, encontro o velho em casa
E chego a tempo de papar-lhe o almoço.
RAMOS — Fizeste bem, rapaz, mas que diabo!
Devias começar por abraçar-nos...
(Abraçando Lucas.)
Assim! Aperta-me estes velhos ossos!
LUCAS — As saudades são tantas, que receio
Esmagá-lo!
RAMOS — Esmagar-me? Então tu julgas
Que assim se esmague um português valente?
ANGÉLICA *(Abrindo os braços.)*
— Eu também quero o meu abraço!
LUCAS — É justo.
ANGÉLICA — Mas vê lá: não me esmagues!
LUCAS — Oh!descanse!
Muito bem sei como se abraçam damas!
(Abraça-a.)
ANGÉLICA — Agora, abraça a tua irmã de leite.
LUCAS — Ambrosina! Meus Deus! nestes três anos
Que diferença fez!
RAMOS — Desenvolveu-se...
Deitou corpo... cresceu...
LUCAS — Que diferença!
Deixo um fedelho e encontro uma senhora,
E mais linda que um anjo! Isto é possível...
ANGÉLICA — Bem sabes que ela tem a tua idade!
RAMOS — Abraça-a, vamos!
LUCAS — Não! eu não me atrevo!
Na minha idade já se não abraçam
Moças da minha idade...

ANGÉLICA — Ora que tolo!
LUCAS — Só num jogo de prendas, por sentença!
AMBROSINA — Sou tua irmã.
LUCAS — És minha irmã de leite.
Essa irmandade não me impediria
De casar-me contigo...
(Comicamente cerimonioso.) Enfim, senhora,
Como de Vossa Excelência os pais ordenam,
Venha esse abraço!
AMBROSINA *(Lançando-se nos braços dele.)*
— E esmaga-me, se queres!
— Como está mamãezinha?
LUCAS — Boa e fera;
São seu único mal saudades tuas.
Mandou-te umas lembranças de São Paulo.
ANGÉLICA — É sempre a mesma tua mãe!
LUCAS — Coitada!
Não quis que eu viesse ao Rio de Janeiro,
Sem coisinhas trazer para Ambrosina;
E durante a viagem vim comprando
Tudo quanto se encontra no caminho:
Queijos de Itatiaia e Campo Belo,
E beijus de Belém. Essas lembranças
Lá estão no Grande Hotel.
RAMOS — Por que motivo
Não vieste hospedar-te em nossa casa?
Pois não sabes que é teu tudo que é nosso?
LUCAS — Bem sei, mas receava incomodá-los.
TODOS — Oh!
LUCAS — Demais, moram longe da cidade,
E eu a negócio vim, não a passeio.
RAMOS — E a casa como vai!
LUCAS — De vento em popa!
Se a coisa prosseguir como tem ido,
Eu serei, num futuro não remoto,
Quase tão rico como o velho Ramos!
(Dá uma pequena pancada no ventre de Ramos.)
RAMOS *(Rindo.)*
— O velho Ramos não é rico.
LUCAS — É rico;
Mas tem o sestro de dizer que é pobre,
Porque receia que lhe peçam chelpa.

RAMOS — Que grande malcriado me saíste!
LUCAS — Mas que me importa a mim o velho Ramos?
Bem se me dá que seja rico ou pobre!
(Tomando ambas as mãos de Ambrosina.)
Quem me interessa és tu, és tu somente,
Minha querida irmã, que tanto prezo!
(Com certa hesitação na voz.)
Então? quando se faz este casório?
Já deves ter um noivo, ou, pelo menos,
Um namorado, ou dois... Com esses olhos,
E essa boca de fada, e esta elegância,
E este pai, apesar de não ser rico,
Deves ter pretendentes aos cardumes!
AMBROSINA — Tenho dois namorados.
LUCAS *(Com um sorriso forçado.)* — Dois apenas?
AMBROSINA — Pode ser que outros haja, mas ignoro.
RAMOS — Não podias chegar mais a propósito:
Hoje vêm ambos almoçar conosco.
AMBROSINA — Convidou-os papai, para que eu possa,
Depois de examiná-los bem de perto,
Escolher o que deva ser meu noivo;
Mas eu já disse que nem de um nem de outro
Faço questão, e escolha qualquer deles.
LUCAS — Que singular filosofia a tua!
Mas quem são esses dois rivais famosos?
RAMOS — O Benjamin Ferraz e o César Santos.
LUCAS — Não conheço.
RAMOS Vais vê-los dentro em pouco.
São dois tipos um do outro bem diversos.
O César Santos, guarda-livros hábil,
Interessado está numa das casas
Mais importantes desta praça; é moço
Ajuizado, refletido e sério;
Tem feito economias, e de parte
Já pôs alguns vinténs; possui dois prédios.
O Benjamin Ferraz é muito rico:
Herdou dos pais e ainda há de herdar dos tios,
Que fazendeiros são. Monta a cavalo,
Veste-se muito bem, e desconfio,
Pela sua maneira de exprimir-se,
Que literato ele é nas horas vagas.

LUCAS — E nas que não são vagas esse moço
Em que se ocupa?
RAMOS — Ora essa é boa! ocupa-se
Em ter muito dinheiro. Eu não conheço
Melhor ocupação.
LUCAS — Prefiro o outro.
(Mudando de tom.)
E por amor do guarda-livros hábil
E do janota que tão bem se exprime,
Temos então almoço ajantarado?
RAMOS — Lagostas... um badejo... uma fritada...
Galinhas... um churrasco... espargos,
[frutas,
Sorvetes, queijos, doces e mais doces,
E Bucelas, Colares e Champanha!
LUCAS — Não há que ver: tirei a sorte grande!
Eu vim ao cheiro de uns modestos bifes,
E caio em plenas bodas de Camacho!
Não esperava tanto!
RAMOS — Vai, Angélica,
Dar uma vista de olhos à cozinha,
E manda pôr mais um talher à mesa,
E vê lá se o copeiro pôs casaca.
ANGÉLICA — E tu, anda buscar na adega os vinhos.
(Sai.)
RAMOS — Tens razão. Já lá vou. Cá tenho a chave.
(A Lucas.) Quando há comes e bebes nesta casa,
Ela trata dos comes e eu dos bebes.
Bom. Até logo. Ó minha filha, fica
Fazendo companhia ao nosso Lucas. *(Sai.)*

CENA VI

AMBROSINA, LUCAS

LUCAS — Com que então, vais casar?
AMBROSINA — Mas vê como estou fria...
Oh! pelo gosto meu mais tempo esperaria;
Porém papai não pensa infelizmente assim,
E, pelos modos, quer ficar livre de mim.
LUCAS — Não creias que teu pai de ti livrar-te queira:
Tem medo de morrer deixando-te solteira,
É o que é. A intenção é boa; apenas, eu

Me parece que o pior processo ele escolheu.
O tal César e o tal Benjamin vão pensar
Que o João Ramos a filha à força quer casar;
Mais prudente seria esperar que viesse
O noivo e não chamá-lo à casa, me parece.

AMBROSINA — Tens razão.

LUCAS — Não se mete à cara de ninguém
Noiva que, como tu, tanto atrativo tem.

AMBROSINA — Isso é bondade tua.

LUCAS — E se ao velho não falo
Deste modo, é porque não quero apoquentá-lo.
Tu bem sabes de quanto eu lhe sou devedor:
Ele foi para mim um grande protetor,
Tão amigo, tão bom, tão desinteressado,
Que um altar tem cá dentro e é para mim
[sagrado.
Nas tristes condições em que eu ao mundo
[vim,
Se não fosse teu pai, que seria de mim?
Quando nasci, o meu já estava morto há.
[meses;
Minha mãe a miséria, a fome algumas vezes
Sofreu, mas resistiu. Tu nasceras também;
Adoeceu tua mãe; era preciso alguém
Que as vezes lhe fizesse, e a minha então,
[coitada,
Que era pobre, tão pobre, e pobre
[envergonhada,
Sozinha neste mundo, ao deus-dará, sem pão,
Precisava de alguém que lhe estendesse a
[mão...
E foi, como faria uma africana escrava,
Contigo dividir o leite que eu mamava.

AMBROSINA — Pobre da mamãezinha!

LUCAS — Eu fui muito feliz,
E ela também: teu pai, meu pai fazer-se quis.
Nem eu nem minha mãe saímos desta casa
Que nos cobriu a nós como de um anjo a asa.
Quando cresci, o velho à escola me enviou
E depois no comércio emprego me arranjou.
Para São Paulo fui. Sou quase independente.
E a quem o devo? A ele... a ele unicamente.

AMBROSINA — De nada valeria o muito que te fez,
Se tu não fosse bom.

LUCAS — Não seria, talvez,
Tão bom, se ele não fosse a bondade em
[pessoa.
Isso é o que me fez bom, e isso é o que te
[fez boa.
Mas falemos dos dois namorados. Teu pai
Quer que escolhas; pois bem: examiná-los vai
Minuciosamente, e um dos dois com certeza
Preferirás ao outro ao sairmos da mesa.
Está dito?
AMBROSINA — Pois sim.
LUCAS — Por meu lado, eu também
Verei dos dois qual seja o que mais te convém.

CENA VII
AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA

RAMOS — Pronto! podem chegar os convidados!
No aparador alinham-se as garrafas,
E o diabo do copeiro, de casaca,
Parece até um cidadão conspícuo!
ANGÉLICA — Que bonito badejo é o rei da festa!...
RAMOS — Custou-nos vinte e cinco bagarotes
No mercado; não pode ser, portanto,
Um peixinho de pouco mais ou menos.
(Esfregando as mãos.)
Não tardam por aí os dois rapazes.
LUCAS — Eles que venham, porque estou com fome!
(Toque de campainha elétrica.)
RAMOS — Falai no mau...
(Indo ao fundo e falando para fora.)
Ó senhor César, entre!
(Entra César Santos cerimoniosamente.)

CENA VIII

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA, CÉSAR SANTOS

CÉSAR — Minhas senhoras... Senhor Ramos... Creio
Que esperar não me fiz por muito tempo.
RAMOS — Pontualíssimo foi, foi cavalheiro.
(Apresentando.)
Minha mulher.

CÉSAR — Minha senhora, folgo
De conhecê-la.
ANGÉLICA — E eu igualmente folgo.
Faça favor.

(Toma-lhe o chapéu e a bengala, que vai colocar sobre um móvel, ao fundo.)

RAMOS *(Mostrando Ambrosina.)*
— É minha filha. O amigo
Há muito que a conhece. Já com ela
Dançou num baile do Cassino.
CÉSAR — É exato.
Foi uma honra que esquecer não pude,
Pois me deixou recordações bem doces.
AMBROSINA *(Cumprimentando.)*
— Agradecida.
RAMOS — O meu amigo Lucas.
Quase meu filho... Um filho malcriado,
Que ao pai não tem o mínimo respeito,
E lhe dá piparotes na barriga!
Mas é um herói! — tem só vinte e dois anos
E é já negociante conceituado
Na praça de São Paulo!...
CÉSAR — Cavalheiro.
Consinta que lhe aperte a mão.
LUCAS — Não creia
No que lhe está dizendo o senhor Ramos.
Como lhe devo a posição que ocupo,
É muito exagerado a meu respeito,
Para dar mais valor ao seu trabalho.
CÉSAR — As coisas como vão lá por São Paulo?
LUCAS — Que coisas?
CÉSAR — Os negócios. Interessa-me
O comércio, e de nada mais cogito.
LUCAS — Os negócios vão bem.
CÉSAR — Não me parece;
A baixa do café tem sido o diabo,
E esperança não há de que tão cedo
Ele suba,
(A Angélica.) não acha Vossa Excelência?
ANGÉLICA — Senhor eu não entendo dessas coisas;
Só sei que tudo está bem caro agora,
E que um badejo, que custava dantes
Dez mil réis, quando muito, agora custa

Vinte e cinco mil réis!
CÉSAR — A carestia
Faz com que o povo sofra e sofra muito;
Mas o comércio sofre mais que o povo.
Na nossa praça a crise está medonha;
Muitas casas estão arrebentadas;
O câmbio esteve a cinco, é bem verdade,
E subiu depois disso a sete e meio,
Mas de novo tem ido para baixo,
E não há confiança nos efeitos
Do plano financeiro do governo.
Não acho que endireite a nossa praça,
Enquanto a taxa não subir a doze,
Pelo menos.
(A Ambrosina.) Não acha Vossa Excelência?
AMBROSINA — Eu nunca pude perceber o câmbio.
CÉSAR — Pois eu lhe explico: o câmbio representa...
RAMOS — E eu que não lhe ofereço uma cadeira?
Faz favor de sentar-se? Então? Sentemo-nos!
Tanto se paga em pé como sentado!
(Sentam-se todos.)
Mas sobre outros assuntos conversemos,
E deixemos tranqüilos os negócios.
Estes belos domingos foram feitos
Pra que a gente se esqueça da semana.
CÉSAR — Pois assunto não há que mais me agrade
Do que câmbio, café, preços-correntes...
RAMOS — Qual! isso é bom lá para baixo. Em casa
Gosto de ouvir falar de frioleiras.
LUCAS *(Baixo a Ambrosina.)*
— Desconfio que o noivo não te serve.
RAMOS — Eu sou negociante de ferragens,
E por meu gosto, não teria em casa
Nem trincos, nem martelos, nem argolas,
Nem pontas de Paris, nem dobradiças,
Nem nada que lembrasse o meu comércio.
Quando aos domingos eu me sento à mesa,
Desgostam-me os talheres, acredite,
Porque os tenho na loja; na cozinha
Não entro, só para não ver panelas!
Causam-me horror grelhas e caçarolas!
ANGÉLICA — E a história do canário?
RAMOS — Ah! é verdade!
Lembras-te ainda? Estávamos casados

Havia um mês, se tanto. O pai da Angélica
Um canário mandou-lhe de presente.
Ela estimava-o. Muito bem. Pedi-lhe
Um belo dia que o mandasse embora!

CÉSAR — O canário não era ferramenta!

RAMOS — Não, mas era preciso dar-lhe alpiste,
E o alpiste naquele tempo — sabe? —
Vendia-se nas lojas de ferragens.

(Novo toque de campainha elétrica.)

ANGÉLICA Tocaram.

RAMOS *(Erguendo-se.)*
— Bom! é ele com certeza! É o Benjamin Ferraz!
(Vai ao fundo e fala para fora.) A casa é sua.
(Erguem-se todos. Entra Benjamin Ferraz.)

CENA IX

AMBROSINA, LUCAS, JOÃO RAMOS, DONA ANGÉLICA,
CÉSAR SANTOS, BENJAMIN FERRAZ, *depois um* COPEIRO

BENJAMIN — Minhas senhoras... cavalheiros... peço
Mil perdões por chegar um pouco tarde.
Foi do meu alfaiate a culpa inteira.
Uma porção de tempo estive à espera
De uma sobrecasaca que não veio.

LUCAS *(À parte.)*
— Começa mal...

BENJAMIN — Esta já tem três meses,
E já não está na moda; os figurinos
Sobrecasacas apresentam hoje
Fechadas mais em cima, e mais compridas,
Dando pelo joelho. Quando eu entro
Pela primeira vez em qualquer casa,
Com toda a correção quero ser visto,
Todas as regras sei do *savoir-vivre.*[1]
(A Angélica.)
Depois deste cavaco indispensável,
Permita, Excelentíssima Senhora,
Que lhe ofereça a rosa mais bonita
Que esta manhã no meu jardim banhavam

---

[1] Trad.: bom-tom, etiqueta.

As lágrimas do orvalho matutino.
A rainha das flores simboliza
A rainha do lar, a esposa honesta,
A carinhosa mãe!

RAMOS *(À parte.)*
— Parece um brinde.

ANGÉLICA — Muito obrigada pelo seu presente.

BENJAMIN — Não há de quê minha gentil senhora.

(Angélica põe a rosa ao peito. Benjamin volta-se para Ambrosina.)

Para Vossa Excelência eu trouxe — e espero
Que seja recebido com bondade —
Este raminho de violetas brancas,
Também do meu jardim. Flores modestas,
Que o seu perfume docemente escondem.
Simbolizam a cândida inocência
Da bela virgem recatada e pura.

AMBROSINA — Agradecida.

RAMOS — À vista dos discursos.
Desobrigado estou de apresentar-lhe
Mulher e filha.

ANGÉLICA *(Tomando o chapéu e a bengala de Benjamin.)*
— Com licença.

BENJAMIN — Graças.

RAMOS *(Indicando César.)*
— Este já foi por mim apresentado.

BENJAMIN — Folgo de vê-lo.

RAMOS — O meu amigo Lucas.
É quase um filho.

LUCAS — Temos um fonógrafo?

RAMOS — Não tem ao pai o mínimo respeito...

LUCAS — E lhe dou piparotes na barriga;
Falta-me o *savoir-vivre...*

BENJAMIN — Oh, não! não creio!

LUCAS — Vim almoçar de jaquetão coçado!

BENJAMIN — Se é quase um filho, está no seu direito.

RAMOS — Mas é um herói! Tem só vinte e dois anos...

LUCAS — Vinte e dois anos e três meses justos.

RAMOS — E é já negociante acreditado
Na praça de São Paulo!

BENJAMIN — Então? já houve
Com essa idade marechais em França!

(Apertando a mão a Lucas.)

Eu tenho muita honra em conhecê-lo.

LUCAS — A honra é toda minha, cavalheiro.

(Angélica, que tem saído, volta e diz baixinho a Ramos.)
ANGÉLICA — O almoço está servido.
RAMOS *(Muito alto.)* — Meus senhores...
ANGÉLICA *(Tapando-lhe a boca.)*
— Espera que o copeiro dizer venha.
RAMOS *(Baixo.)*
— É verdade, o copeiro de casaca...
(Entra o Copeiro.)
Ei-lo! Faz um vistão! Gosto daquilo!
O COPEIRO — O almoço está na mesa. *(Sai.)*
RAMOS — Meus amigos,
Vamos ao nosso almoço, prontamente,
Que já temos o estômago a dar horas.
(Benjamin e César oferecem ambos o braço a Ambrosina.)
BENJAMIN — O meu braço aqui tem, minha senhora.
CÉSAR — Minha senhora, ofr'eço-lhe o meu braço.
AMBROSINA — E agora? Aceito o que chegou primeiro.

(Dá o braço a Benjamin. César dá o braço a Angélica. Saem todos.)
RAMOS *(Saindo, a Lucas.)*
— Cada qual no seu gênero, não achas?
LUCAS — Acho.
RAMOS — A Ambrosina escolhe... escolhe um deles!
(Sai.)
LUCAS *(Só.)* — Escolhe um deles? Pois sim!
Meu velho, pelo que vejo,
Perdes o tempo e o latim,
Pra não dizer o badejo.

[(Cai o pano.)]

ATO SEGUNDO

A mesma sala

CENA I

AMBROSINA *(Entrando.)*

— Valha-me a Virgem Maria!
Que grande aborrecimento!
Vim descansar um momento!
De tanta sensaboria
Horrorizada fugi!
Que só de negócios trate
O tal Senhor César Santos!
Cacete conheço uns quantos,
Porém daquele quilate
Confesso que nunca os vi!
E o Benjamin? Que fofice!
Que tipo insignificante!
Não abre a boca o pedante,
Que não diga uma tolice,
Ou que não fale de si,
Das visitas que recebe,
Ou do extrato que o perfuma,
Ou dos charutos que fuma,
Ou dos licores que bebe!
Quantas asneiras ouvi!

CENA II

AMBROSINA, LUCAS

LUCAS — Vamos! Então? Que me dizes
De um e de outro namorado?
AMBROSINA — Cada qual mais enjoado!
LUCAS — Pobres moços!... infelizes! ...
Pois nenhum deles te agrada?
AMBROSINA — Não.
LUCAS — És muito rigorosa!
AMBROSINA — Seria bem desditosa
Com quaisquer deles casada.
LUCAS — Também vais logo aos extremos!
Pelas impressões primeiras

Incompletas e ligeiras,
Jamais levar nos deixemos...
Gente nova, estranha gente
Não há, que nos apareça,
E aos nossos olhos pareça
Aquilo que é realmente;
Pois nesta coisa medonha,
Que se chama sociedade,
Ninguém sai da intimidade
Sem que uma máscara ponha.
Não julguemos à ligeira;
Toda a gente se mascara:
Uns cobrem parte da cara
E os outros a cara inteira.
Quem se revela maluco
Tem muitas vezes juízo,
E nos parece ter siso
Um velho crânio sem suco.
Finge de franco o sovina,
Faz-se virtude a mazela...
Julgas Penélope aquela?
Repara que é Messalina!

AMBROSINA — Naquele maldito almoço
Muito a custo me contive...
Se o mundo enganado vive,
Não vivo eu!

LUCAS — Ouve...

AMBROSINA — Não ouço!
Defendê-los tu! Que idéia!
És cacete por teu turno!
Toma hoje mesmo o noturno
E volta pra a Paulicéia!

LUCAS — Não vive o mundo enganado,
Não toma a nuvem por Juno:
Diz que o gatuno é gatuno,
Diz que é malvado o malvado,
E, sem que o disfarce o iluda,
Quando o seu chapéu lhes tira,
Cumprimenta uma mentira,
Uma máscara saúda;
Mas não se trata do mundo
E sim do juízo que fazes
Sobre dois pobres rapazes
Que não conheces a fundo.

Durante esse almoço triste,
Que te não deixou saudades,
Não lhes viste as qualidades,
Mais que os achaques não viste...
Quem sabe se os namorados
Produzirão outro efeito
Quando, com arte e com jeito,
Os vejas desmascarados?

AMBROSINA — Com ou sem máscara, dize,
Aquele Manel de Soisa
Me falará noutra coisa
Que não seja o câmbio e a crise?

LUCAS — Vejam que grande desgraça!
Mas esse assunto varia,
Porque, enfim, lá vem um dia
Sobe o câmbio e a crise passa!

AMBROSINA — E o outro?... aquele janota,
De trinta milhões herdeiro,
Vidrinho de água de cheiro,
Fátuo, ridículo, idiota?
De uma penhora estou livre,
Se com tal tipo me caso!

LUCAS — Menina, não faças caso:
Tudo aquilo é *savoir-vivre.*

AMBROSINA — Muito agradecida, Lucas:
Falo-te de coisas sérias,
E com insulsas pilhérias
A quanto eu digo retrucas!
Vou no meu quarto fechar-me!
E que ninguém me apareça!
Estou com dor de cabeça:
Escusam de ir lá chamar-me!
(Sai arrebatadamente.)

CENA III

LUCAS *(Só.)*

LUCAS *(Só.)* — Tem razão, coitadinha! Eu, no seu caso,
Também arranjaria uma enxaqueca...
Qualquer dos dois galãs é o mais ridículo.

César Santos é todo positivo:
Outro assunto não tem para a palestra
Senão coisas da praça. As raparigas
Antipatizam necessariamente
Com tais assuntos, e falar-lhes nisso
É o mesmo que se a gente as obrigasse
A ler nas folhas tão somente a parte
Comercial. E o Benjamin? Que parvo!
Um fenômeno quase! O próprio Édson,
A matutar, duvido que inventasse
Tão engenhosa máquina de asneiras!
Entretanto — quem sabe? — os dois rapazes
São talvez excelentes criaturas...
É o que preciso averiguar quanto antes;
Mas para isso necessário fora
Que eu conseguisse conversar com ambos,
Cada um de per si...

(Vendo entrar César Santos.)

Oh, que pechincha!...
O César Santos!... Vou puxar por ele...
Também eu ponho agora a minha máscara.

CENA IV

LUCAS, CÉSAR SANTOS

CÉSAR — Onde é que se meteu dona Ambrosina?
Vim procurá-la.

LUCAS — Foi para o seu quarto,
Queixando-se de dores de cabeça.

CÉSAR — Está naturalmente aborrecida
Por ter ouvido tantas baboseiras
Do Benjamin Ferraz. Que grande tipo!
Lá o deixei a falar do seu cavalo
Que, a dar-lhe ouvidos, é o melhor do mundo!

LUCAS — Não; ela não se queixa das toleimas
Do Benjamin Ferraz; pelo contrário...
Acha-lhe certa originalidade.
Queixa-se do senhor.

CÉSAR — De mim?

LUCAS — Por certo,
Pois o senhor não vê que a moça é fútil,
E só gosta de ouvir futilidades?

Falta de educação... Oh! eu conheço-a
Desde pequena, e sei dos seus defeitos.
O senhor só conversa em coisas sérias...

CÉSAR — Não há nada mais sério que o comércio.

LUCAS — Pois sim! Vão lá dizer-lho! Não crê nisso!

CÉSAR — Falta-lhe então critério?

LUCAS — Do comércio
Ela só toma a sério os armarinhos
Da Rua do Ouvidor.

CÉSAR — No entanto, julgo
Que o velho Ramos, ferragista honrado,
Foi no comércio que ajuntou dinheiro,
E do comércio vive, e vive a filha...

LUCAS — Ela quer lá saber dessas bobagens!

CÉSAR — Bobagens?

LUCAS — Esse é o termo que ela emprega.
Falem-lhe em bailes, falem-lhe em teatros!
Bem se lhe dá que o câmbio esteja frouxo,
Ou que encontre na praça tomadores,
Ou que pela manhã subindo a sete,
Baixe de tarde a seis e sete oitavos!

CÉSAR — Tenho pena, confesso: gosto dela,
E dói-me vê-la assim tão leviana.

LUCAS — Gosta dela?

CÉSAR — Decerto; e pretendia
Pedi-la em casamento ao pai.

LUCAS — Deveras?
Que me diz? Nesse caso fiz asneira!
Se de tais intenções eu suspeitasse,
Não me exprimira assim a seu respeito!
Pobre Ambrosina! E ela, com certeza,
Gosta igualmente do senhor! ... Que diabo!...
Hei de sempre mostrar-me um criançola!
Tem graça agora se, por minha causa,
Perde Ambrosina um casamento destes!
Senhor, não faça caso do que eu disse!
Ela não gosta do comércio? Embora!
Peça a menina, case-se com ela!
O comércio virá depois... Que bruto
E que indiscreto fui!

CÉSAR — Sossegue, Lucas:
Se ela não me aceitar para marido,
Eu não me atiro ao mar por causa disso.

LUCAS — Ah! bom! já vejo que não gosta dela...

CÉSAR — Gosto... gosto... é bonita... é bem bonita...
Veste-se muito bem... toca piano...
LUCAS — E bandolim também, que é moda agora.
CÉSAR — Se é fútil, não faz mal; bem sei que as moças
São, pouco mais ou menos, todas fúteis!
Sim... depois de casada... em vindo os filhos.
Há de neles pensar, no seu futuro,
E todo o dia, quando eu volte à casa,
Perguntará decerto pelo câmbio.
LUCAS — Sabe que mais? Aqui ninguém nos ouve.
Confesse que se casa co'Ambrosina
Como se casaria... ande, confesse!...
Com qualquer outra moça tão bonita,
Que fosse filha de outro velho Ramos.
(César sorri.)
Este sorriso não me engana: é certo!
(Contendo a indignação.)
Faz você muito bem! (Consinta, amigo,
Que o trate por você...) Todas as moças
São parecidas umas com as outras
Quando se vestem bem, tocam piano
E bandolim. É próprio de pascácios
Preferir esta àquela, desde que haja
Beleza... e dote. Nós, os do comércio,
Mesmo tratando de formar família,
Não nos devemos esquecer que somos
Antes de tudo negociantes...
CÉSAR — Toca!
Tu és da minha escola! Tu consentes
Que eu te trate por tu?
LUCAS — Pois não!! consinto!
CÉSAR — O casamento é uma sociedade;
Toda a mulher é sócia do marido:
Usa e assina o seu nome, e tem metade
De quanto lhe pertence.
Isso é conforme.
LUCAS — De direito é conforme, mas de fato
Tudo o que é dele é dela, e vice-versa.
Logo, é justo — não é? — que a nossa noiva
Nos traga um capital igual ao nosso.
CÉSAR — Tu tens vinte e dois anos?
LUCAS — E três meses.
CÉSAR — Falas que nem um velho! Não conheço
Quem tão bem raciocine nessa idade!

	Se assim pensassem todos, não veríamos
	Tantas desgraças que provêm — pudera! —
	Da pobreza dos cônjuges!
LUCAS	— Em França
	Rapariga não há, bonita embora,
	Que sem ter dote casamento arranje.
	Aquilo é que é país!
CÉSAR	— E no comércio
	A francesa é caixeira do marido.
LUCAS	— Tinha eu então razão quando dizia
	Que a ti tanto te faz uma como outra...
CÉSAR	— Tinhas toda a razão. A ti, to digo,
	Pois vejo que não és nenhum poeta,
	Nem nenhum visionário impertinente,
	Que viva numa nuvem cor de rosa.
	És de Dona Ambrosina irmão colaço:
	Peço-te, pois, que essa impressão destruas
	Que nela produzi; dize-lhe Lucas,
	Que tenho aspirações, que tenho sonhos,
	Eu sou muito capaz de fazer versos.
	Numa página até do livro-caixa!
LUCAS	— Vai tranqüilo.
(À parte.)	Caiu como um patinho,
	E por um triz não lhe esmurrei as ventas!

CENA V

LUCAS, CÉSAR SANTOS, JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ, DONA ANGÉLICA

RAMOS	— Então? Que é isso? Desertaram ambos?
ANGÉLICA	— Ambrosina onde está, que não a vejo?
LUCAS	— Para o seu quarto foi co' uma enxaqueca.
ANGÉLICA	— Qual! minha filha nunca teve disso!
LUCAS	— Nesse caso, fez hoje a sua estréia.
ANGÉLICA	— Valha-me o bom Jesus! vou ter com ela!
LUCAS	— Um vidro tenho aqui de sais ingleses...

(Angélica sai sem lhe dar ouvidos.)

RAMOS	— Deixe. Não será nada. A senhorita
	Bebeu Bucelas e bebeu Colares:
	Não estando acostumada a tais misturas,
	Sentiu-se incomodada.
CÉSAR	— Não; não creia:

Muito pouco bebeu durante o almoço.
(Senta-se a examinar um álbum de fotografias.)
BENJAMIN — Diz muito bem. Nos cálices apenas
Os lábios virginais umedecia.
RAMOS — Gosta de ver retratos, senhor César?
CÉSAR — É divertido.
(Ramos senta-se ao lado de César, e vai lhe mostrando os retratos.)
RAMOS — Aqui me tem, no tempo
Em que eu tinha, talvez, a sua idade.
(Lucas aproxima-se de Benjamin, que está sentado no sofá.)
LUCAS *(À parte.)*
Vou penetrar nesta alma de ocioso.
(Alto, sentando-se ao lado dele.)
Quer saber o motivo da enxaqueca?
Qual mistura de vinhos; qual histórias!
RAMOS — Esta é minha mulher. Foi bem bonita.
CÉSAR — Ainda se parece.
BENJAMIN — Eu desconfio
Que indisposta ficou dona Ambrosina
Por tanto ouvir falar ao César Santos
Em transações da praça.
LUCAS — Pois engana-se.
RAMOS — Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!
LUCAS — Foi o senhor a causa da enxaqueca.
BENJAMIN — Eu? Ora essa! Não compreendo, Explique-se!
RAMOS — A Ambrosina, quando era mais mocinha.
LUCAS — Ela, aqui para nós, é muito tola;
Não gosta de o ouvir falar; diz ela
Que o meu amigo só de si se ocupa.

BENJAMIN — Não costumo falar da vida alheia.
RAMOS — O falecido meu compadre Lopes,
Padrinho da pequena.
CÉSAR — Eu conheci-o.
Teve uma loja de calçado.
RAMOS — É isso.
Na Rua da Quitanda. Era bom homem.
LUCAS — Ela não aprecia o seu estilo...
É tão mal preparada! Só lhe agradam
Palavras corriqueiras... É bonita,
Elegante, não nego, mas — que pena! —
Falta-lhe o *savoir-vivre.* Uma burguesa!
RAMOS — Este é o Freitas Simões, que foi meu sócio.

	Hoje é o senhor visconde d'Alcochete!
BENJAMIN	— Pois tenho pena que ela me deteste: Tencionava pedi-la em casamento.
LUCAS	— Pedi-la em casamento? Oh, desastrado! Meu Deus, fi-la bonita! Meu amigo, Não faça caso do que eu disse! Pílulas! Por minha causa perde a rapariga Um casamento destes! Não! não! casem-se! Virá depois o *savoir-vivre!* Diabo!... Hei de ser sempre uma criança estúpida!...
RAMOS	— O Gouveia da Rua do Mercado.
BENJAMIN	— Não; eu não desanimo por tão pouco, E lhe agradeço até, meu caro jovem, Ter-me instruído sobre os gostos dela...
RAMOS	— Conhece? É o Nazaré da Rua Sete, Mas no tempo em que usava a barba toda.
BENJAMIN	— Eu tratarei de transformar-me, creia; Mas se inda assim nas suas boas graças Não cair, paciência... Outra donzela Talvez encontre menos exigente. O que me agrada nela é a formosura Com que a dotou a natureza pródiga; Outra coisa não é, porque sou rico, E ainda espero em Deus herdar bastante,
LUCAS	— Em Deus? Sim, tem razão; é Deus quem mata...
RAMOS	— Este é o doutor Galvão, que é nosso médico.
BENJAMIN	— De bom grado eu seria o seu marido, Por ser senhora muito apresentável, Que faria figura no *grand monde*[1] E enfeitaria bem um camarote Do Lírico; entretanto, um sacrifício Não quero que ela faça, está bem visto.
CÉSAR	— Este conheço eu muito: é o João Moreira.
BENJAMIN	— Modéstia à parte, a um homem desta estofa, Que é moço, e não é feio, e tem saúde, E é milionário ou quase milionário, E viajou por toda a culta Europa, E anda trajado no rigor da moda, E faz figura em cima de um cavalo, E fuma disto...

[1] Trad.: alta sociedade

(Mostra o charuto que fuma, e faz menção de tirar outro da algibeira.)

Quer provar?

LUCAS — Não fumo.

BENJAMIN — A um homem desta estofa nunca faltam
Mulheres que o pretendam, que o disputem,
Que se agatanhem para conquistá-lo!

(Aproxima-se de Ramos e César, que têm acabado de percorrer o álbum.)

LUCAS *(À parte.)*

— O outro é tolo e malandro; este é só tolo...
É muito fácil vê-lo pelas costas.

CENA VI

LUCAS, JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS, BENJAMIN FERRAZ, DONA ANGÉLICA

RAMOS *(A Angélica que entra.)*

Então? Que é?...

ANGÉLICA — Não é nada. Aquilo passa.

RAMOS — Não quero que os amigos se retirem
Sem ver a nossa chácara. Proponho
Um pequeno passeio.

CÉSAR — É bem lembrado.

BENJAMIN — É conveniente um pouco de exercício
Depois do lauto almoço que tivemos,
E ao nosso anfitrião faz tanta honra.

RAMOS — Bondade sua, meu amigo. Angélica,
Vai buscar os chapéus destes senhores.

BENJAMIN *(Indo buscar o seu chapéu.)*

— Então? Não se incomode, Excelentíssima!

CÉSAR *(Idem.)*

— Oh! pelo amor de Deus, minha senhora!

RAMOS — Vamos! Não vens, Angélica?

ANGÉLICA — Não. Fico
Fazendo companhia à nossa filha.

LUCAS — E eu faço companhia a dona Angélica.

RAMOS — Vamos então nós três. Eu vou mostrar-lhes
Uma nascente de água ali no morro...

(Saem César, Benjamin e Ramos, que continua a falar indistintamente, até que a voz se perca ao longe.)

CENA VI

LUCAS, DONA ANGÉLICA, *depois* AMBROSINA

ANGÉLICA — Qual enxaqueca! qual nada!
Ambrosina, meu rapaz...
LUCAS — Santos não quer ser chamada,
Nem ser madame Ferraz.
ANGÉLICA — Sabias?
LUCAS — E uma enxaqueca
Astutamente arranjou,
Para livrar-se da seca
Que o papai lhe reservou.
O Ferraz alambicado
Debalde se encareceu,
E o César — pobre coitado! —
Chegou, viu, mas não venceu.
ANGÉLICA — Vês que menina exigente?
LUCAS — No seu direito ela está!
É bonita, inteligente,
E tem um dote... oh, lá lá!
Deixe! O que não se faz hoje
Fazer-se pode amanhã...
Sossegue, que não lhe foge
O seu príncipe *Charmant.*[1]
ANGÉLICA — A galope os desenganos
À casa podem chegar...
Ela tem vinte e dois anos:
Não deve mais esperar.
LUCAS — Momento melhor aguarde;
Não é preciso correr.
Espere, que nunca é tarde
Para uma asneira fazer.
Gosto a senhora teria
Se Ambrosina de qualquer
Daqueles tipos um dia
— Franqueza! — fosse mulher?
ANGÉLICA — Tu não dizes o que sentes:

[1] Trad.: Encantado

Dois tipos eles não são.
LUCAS — Deixe-se de panos quentes!
É cada qual mais tipão!
ANGÉLICA *(Depois de certa hesitação.)*
— Ah! se o meu genro escolhido
Fosse por mim, só por mim,
De minha filha o marido
Serias tu.
LUCAS — Eu?
ANGÉLICA — Tu, sim!

(Ambrosina aparece á porta e escuta o diálogo.)
Que outro genro achar podemos
Melhor do que tu?
LUCAS — Perdão.
Sobre outra coisa falemos.
ANGÉLICA — Não te agrada o assunto?
LUCAS — Não.
E mais na carta não deite...
ANGÉLICA — Ambrosina...
LUCAS — Tá tá tá!
Ela é minha irmã de leite...
ANGÉLICA — Impedimento não há.
LUCAS — Há, e um grande impedimento:
O impedimento moral:
Semelhante casamento
Seria tão desigual...
ANGÉLICA — Desigual por que motivo?
LUCAS — Não é preciso dizer.
ANGÉLICA — És quase um filho adotivo:
Deves ser franco!
LUCAS — Vou ser.
De uma... alugada era filho
Quando nesta casa entrei,
E seria um maltrapilho
Sem a proteção que achei.
ANGÉLICA — És tolo.
LUCAS — Se seu marido
Não me desse proteção,
Eu me teria perdido...
ANGÉLICA — Quem sabe? Talvez que não.
LUCAS — Não! Essa idéia me humilha!
Eu não pago tanto amor
Pretendendo a mão da filha

	Do meu santo protetor!
ANGÉLICA	— Adeus, minhas encomendas!
	Não me entendeste, rapaz!
	Eu não digo que pretendas,
	Pois pretendido serás.
LUCAS	— Se eu me casasse com ela,
	Que diriam por aí?
	O mundo é tão tagarela!
ANGÉLICA	— Ora! que diriam?
LUCAS	— Xi!
	“O Lucas, aquele intruso
	Noiva e dote abiscoitou!
	De confiança um abuso
	Friamente praticou!
	Parecia não ter vícios,
	Mas vede o pago que deu
	A todos os benefícios
	Que do velho recebeu!”
	Já vê que esse casamento
	De modo algum me convém,
	E que todo o fundamento
	Os meus escrúpulos têm.
ANGÉLICA	— São tolos esses assomos
	De dignidade.
LUCAS	— Talvez.
ANGÉLICA	— Nós aqui em casa não somos
	Nenhuns fidalgos, bem vês.
	Meu marido foi caixeiro
	E hoje apenas é patrão,
	E meu pai foi sapateiro,
	Depois de ser remendão.
	Somos, sim, família honesta
	E temos alguns vinténs;
	Mas, se a fidalguia é esta,
	Filho, também tu a tens.
	A razão por que não queres
	Ser meu genro essa não é;
	Mas — anda lá! — tu preferes
	Mentir…
LUCAS	— Mentir! eu?
ANGÉLICA	— Olé!
	Apesar de não ser fina,
	Claramente vendo estou
	Que não gostas de Ambrosina,

Já cá não está quem falou.
(Vai retirar-se, mas Lucas toma-lhe a passagem.)
LUCAS — Não gosto de Ambrosina? Engana-se!
[Ambrosina
É a flor que me perfuma, o Sol que me
[ilumina!
Supunha o meu afeto apenas fraternal,
Mas hoje, quando entrei, alegre e jovial,
E uma senhora achei na tímida criança
Que do passado meu era a melhor lembrança,
Deslumbrei-me, e senti que uma
[transformação.
Meu Deus! se me operava aqui no coração!
Não pode calcular como os dois namorados
Tão senhores de si, risonhos, confiados,
Me encheram de ciúme, e como revivi
Quando por serem tão ridículos, os vi
Perder terreno... Oh, não! não diga, por
[piedade.
Que eu não gosto daquela esplêndida beldade!
Eu amo-a loucamente, eu amo-a com fervor!
Amor não pode haver maior que o meu amor!
Mas peço-lhe por Deus que guarde este
[segredo
Que murmuro a tremer e balbucio a medo.
Não me devo casar com sua filha, pois
Que um abismo fatal existe entre nós dois!
Se o meu segredo for por mais alguém sabido,
Juro-lhe que disparo um revólver no ouvido!
AMBROSINA *(Mostrando-se.)*
— Vamos! Dispara! O teu revólver onde está?
Eu quero ver morrer um homem! Vamos lá!
LUCAS — Ambrosina!
AMBROSINA — Acho bom, porém, que, antes do tiro
Com que te vai matar, demos ambos um giro
Até a pretoria e até a igreja.
ANGÉLICA *(A Lucas.)*
— Aí tens:
És noivo; aceita os meus sinceros parabéns.
AMBROSINA — Mau! Feio! Escutei tudo ali daquela porta.
Se não dissesses "Amo", eu cairia morta!
O que te sucedeu me sucedeu a mim:
Se tão cedo não vens, talvez que o Benjamin,
Ou o César — um dos dois — fosse o meu

[noivo agora.
Mas tu chegaste a tempo. Ao ver-te, sem
[demora
Me pareceu que Deus te conduzia aqui
Para arrancar-me ao outro e oferecer-me a ti.

ANGÉLICA *(A Lucas.)*
— Então? Que dizes tu?

LUCAS — Digo... Não digo nada!
Foi de tal modo pelo acaso combinada
Esta cena de amor que ninguém... sim,
[ninguém
Me poderá dizer: — "Tu não andaste bem".
Estes castelos no ar é bom que os não
[façamos,
Todavia, sem ter ouvido o velho Ramos.
Não podemos saber como ele acolherá
Esta conspiração...

ANGÉLICA — Eu vou falar-lhe já.

LUCAS — Já? Isso não!

ANGÉLICA — Por quê?

LUCAS — Convém primeiramente
Desiludi-lo de um e de outro pretendente.
Eu disso me encarrego. E só depois que os tais
Saírem... — sairão, e cá não voltam mais,
Prometo-lhes!... —

ANGÉLICA — Bem bom! bem bom!

AMBROSINA — Isso me alegra.

LUCAS — Só depois eu farei o meu pedido em regra.

AMBROSINA — E o tiro? Pum!

LUCAS — Dá-lo-ei, se à tua decisão
O velho opõe um veto...

AMBROSINA — Há de lhe dar sanção.
(Ouvem-se vozes.)

ANGÉLICA — Eles de volta aí vêm.

AMBROSINA *(Beijando a mãe.)*
— Mamãe, muito obrigada.

ANGÉLICA — Se soubessem os dois que a praça foi
[tomada...

CENA VIII

LUCAS, DONA ANGÉLICA, AMBROSINA, JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS, BENJAMIN FERRAZ

RAMOS — Que estopada lhes dei! Confessem ambos!
CÉSAR — Não diga tal! Foi um passeio esplêndido!
BENJAMIN — Tem uma bela chácara. Algum dia
Hei de mostrar-lhe a minha: um paraíso!
CÉSAR — Já ficou boa da enxaqueca?
AMBROSINA — O Lucas
Um remédio me deu de efeito pronto.
LUCAS *(À parte.)*
— Só me faltava ser antipirina...
CÉSAR *(Com esforço.)*
— Numa linda cabeça como a sua,
Onde brilham dois olhos tão formosos,
A enxaqueca devia ser vedada.
AMBROSINA *(Rindo-se.)*
— Que bela frase!
CÉSAR *(À parte.)*
— Decididamente
Falta-me o jeito para as coisas fúteis!
BENJAMIN — A enxaqueca, senhora, é mal terrível,
Porque desvia do trabalho o cérebro,
E o trabalho é a alavanca do progresso,
É o comércio, a lavoura, a indústria, é tudo!
AMBROSINA *(Rindo-se.)*
— Falou bonito!
BENJAMIN *(À parte.)*
— Decididamente
Não tenho queda para as coisas sérias!
RAMOS — Mas que remédio milagroso é esse?
Durante o almoço estavas macambúzia
Nem provaste do célebre badejo!
E agora tão risonha achar-te venho!
Verias tu, durante a nossa ausência,
Um passarinho verde?
AMBROSINA — Não vi nada;
Mas o fato é que estou muito contente.
RAMOS — Bom. Nesse caso, vais tocar um pouco
De bandolim. Desejo que os amigos
Antes de nos deixar te batam palmas.
AMBROSINA — Com mil vontades. Senhor César Santos?
Senhor Forjaz?...
BENJAMIN — Ferraz, Excelentíssima.
AMBROSINA — Peço toda a indulgência.

CÉSAR —Oh!
BENJAMIN — Ora essa!
ANGÉLICA — Na sala de jantar corre mais fresco
E o bandolim lá está.
RAMOS — Para lá vamos!
Entrem, senhores meus!
CÉSAR *(Oferecendo o braço a Ambrosina.)*
— Minha senhora?
BENJAMIN *(Idem.)*
— Minha senhora?
AMBROSINA *(Entre os dois.)*
— Dois? Pois bem! não quero
Que nenhum se desgoste por tão pouco,
E aceito o braço que ambos me oferecem.
(Sai pelo braço de ambos.)
ANGÉLICA — Malcriados! Esquecem-se da velha!
RAMOS *(Oferecendo-lhe o braço.)*
— Aqui tens, minha amiga.
ANGÉLICA — É pão com rosca.
RAMOS *(A Lucas, passando com Angélica pelo braço.)*
— Não vens?
LUCAS — Por ora não. Logo que possa
Safar-se, venha ter aqui comigo.
Preciso dar-lhe duas palavrinhas.
RAMOS — Quantas quiseres, Lucas. Até logo.
(Sai com Angélica.)
LUCAS *(Só.)* — Que dirás, minha mãe, quando souberes?

[(Cai o pano.)]

ATO TERCEIRO

A mesma sala

CENA I

LUCAS, *só*

(Lucas está olhando para o lado da sala de jantar, de onde chegam os sons de um bandolim.)

[LUCAS *(Só.)]*

Não há que ver: João Ramos não se lembra
De que o espero aqui há meia hora.
Ele está preso ao bandolim da filha,
O olhar interessado, o ouvido atento,
A boca aberta, as mãos sobre os joelhos.
Oh, que velho tão bom! que pai ditoso!
Neste instante ninguém capaz seria
De arrancá-lo daquele doce enlevo!
Ouvindo aqueles sons melodiosos,
Ele talvez na mente rememore
O tempo em que Ambrosina era assinzinha,
E no seu colo adormecia às vezes.

(O bandolim cala-se. Aplausos.)

Ela acabou. O velho levantou-se.
Para este lado olhou. Viu-me.

(Faz um sinal para dentro.)

Ora graças
Ele aí vem finalmente. Ei-lo comigo.
Queira Deus que lhe agrade a minha idéia.
Do contrário não temos nada feito.

CENA II

LUCAS, JOÃO RAMOS

RAMOS — Lucas, meu filho, desculpa,
E não me acuses a mim,
Pois quem teve toda a culpa
Foi aquele bandolim.
Quando a pequena dedilha

As duas cordas, sei lá!
Deixa de ser minha filha:
É um anjinho que aí está!
Minh'alma sinto levada
Para outro mundo melhor;
Não vejo nem ouço nada
Do que se passa em redor!
Se o copeiro me dissesse:
— "Há fogo em casa, patrão!"
Talvez por isso não desse,
Nem lhe prestasse atenção!
Não me queiras mal, portanto,
Se mais depressa não vim;
Quem te fez esperar tanto
Foi aquele bandolim.

LUCAS — Mas vamos ao que se trata.

RAMOS — Estou sempre ao teu dispor.
Alguma negociata
Tu me desejas propor?
Queres que eu seja teu sócio?

LUCAS — Não senhor; para tratar
Aqui de qualquer negócio,
Havia de procurar
Ocasião mais propícia,
Sem César nem Benjamin,
E não iria à delícia
Roubá-lo do bandolim.

RAMOS — Oh, meu rapaz! tu me assustas!
Onde queres tu chegar?

LUCAS — Sossegue; as almas robustas
Não têm de que se assustar.
Uma inverossimilhança,
Que poderá fazer rir,
É — não acha? — uma criança
A um velho os olhos abrir;
No entanto, o fato é patente!

RAMOS — Mas não me dirás, enfim?...

LUCAS — Trata-se precisamente
Da dona do bandolim.
Dos dois moços namorados,
Que hoje almoçaram aqui,
Já foram bem estudados
Pelo senhor?

RAMOS — E por ti?
LUCAS — Por mim o foram, e juro
Que nenhum deles convém!
RAMOS — Ó Lucas, eu te asseguro
Que são dois homens de bem!
LUCAS — É César Santos matreiro
Um caça-dotes ruim,
Que faz questão de dinheiro
E não faz de bandolim!
RAMOS — Semelhante impertinência
Me espanta nos lábios teus!
LUCAS — Proponho uma experiência
E o aconselho...
RAMOS — Ora adeus!
Dás-me um conselho? Ao que vejo,
Inverteram-se os papéis!
LUCAS — Mal empregado badejo
De vinte e cinco mil réis!
(Ouve-se o bandolim.)
RAMOS — Deus te dê o que te falta!
Ouves?
LUCAS — Ouço.
RAMOS — Plim, plim, plim!
Sabes que mais, meu peralta?
Não resisto ao bandolim
(Quer retirar-se. Lucas toma-lhe a passagem.)
— Venha cá! Falo sério! Não se ria!
César Santos não gosta de Ambrosina,
Ou antes, gosta, como gostaria
De outra qualquer menina
Que fosse linda e que tivesse dote...
Ele quer dar-lhe um bote!
RAMOS — Mas como sabes disso?
LUCAS — Ele em pessoa
Me declarou que assim pensava.
RAMOS — É boa!
LUCAS — Fingi-me um patifão da sua laia;
Captei-lhe a confiança prontamente,
E dei-lhe um vomitório de poaia.
RAMOS — E vomitou?
LUCAS — Duvida!... O Lucas mente?...

RAMOS — Não vês que isso foi pala?
Quis brincar, está visto!
LUCAS — Pois bem, eu pela experiência insisto!
RAMOS — Lá vem de novo a experiência! Fala!
Como é que me aconselhas que manobre?
LUCAS — Chame-o de parte e diga-lhe que é pobre,
Que sua filha não tem dote... Invente!...
E se ele, ouvindo essa tremenda história,
Não se puser ao fresco *incontinenti,*
As mãos entregarei à palmatória.
RAMOS — Em todo o caso, é boa essa armadilha,
Porque me custaria ver casada,
Por ter um dote apenas, minha filha,
Quando com tantos outros é dotada...
LUCAS — Eu vou lá para dentro e aqui lho mando.
Mas não tenha vergonha:
Invente uma catástrofe medonha.
Suspire, se puder de vez em quando...
Coisas dirá incríveis, conjecturo;
Não se importe: ele é homem
Desses que todas as araras comem
E que o reino do céu tem já seguro
Diga que o jogo e os seus fatais caprichos
Levaram-lhe a maquia;
Que cem contos de réis perdeu nos bichos,
Cem na roleta, cem na loteria,
E cem na Bolsa!
RAMOS — Xi! que jogatina!
— E o Benjamin Ferraz?
LUCAS — Ora! Ambrosina
Já tem um bandolim: outro dispensa.
RAMOS — Achas então que o moço?...
LUCAS — É mesmo um bandolim... de carne e osso.
Esse em dote não pensa.
RAMOS — Eu creio mesmo que não pensa em nada.
LUCAS — Mas fica essa figura reservada para depois.
Eu vou mandar-lhe o tipo.
Meus parabéns sinceros lhe antecipo. *(Sai)*

CENA III

JOÃO RAMOS, [*só*]

[RAMOS *(Só.)*] — É levado da breca este meu Lucas!
Mas não é que ele teve uma lembrança
Que não acudiria a toda a gente?
Eu vou mentir... mas, ora adeus! se o faço,
É para o bem da minha filha amada,
E a mentira que vou pregar só pode
Prejudicar o próprio mentiroso,
Pois se a pílula engole o César Santos,
Vai dizer por ai que estou quebrado;
Mas como a ninguém devo, que me importa?
Ele aí vem. Temos cena de comédia!
Coragem! vou pregar uma mentira
Pela primeira vez na minha vida...

CENA IV

JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS

CÉSAR — Desejava falar-me, senhor Ramos?
RAMOS — Desejava falar-lhe, senhor César.
(Dando-lhe uma cadeira.)
Tenha a bondade, sente-se.
CÉSAR — Obrigado.
(Senta-se. Ramos senta-se também.)
Estou às suas ordens.
RAMOS — Meu amigo,
O senhor, uma noite, no Cassino,
Minha filha encontrou, dançou com ela,
E no dia seguinte pela porta
Começou a passar de nossa casa
Todas as tardes, mesmo se chovia.
Se à janela a pequena me bispava,
Tirava-lhe o chapéu amavelmente,
E lhe sorria assim de certo modo...
Achando no senhor um bom partido,
Por saber, de pessoas fidedignas,
Que está perfeitamente encaminhado,
Para almoçar comigo convidei-o,
E preparei um suculento almoço
Com algum sacrifício...
CÉSAR *(À parte.)*
— Sacrifício?

RAMOS — Para não parecer que eu convidava
Um namorado, e lhe impingia a filha,
O Benjamin Ferraz, aparecendo,
Foi também convidado.
(À parte.) Esta mentira
Não estava no programa.
(Alto.) O que eu queria,
Trazendo-o para junto de Ambrosina,
Era fazer com que se aproximassem
E se entendessem de uma vez por todas.
Ficam-lhe abertas desta casa as portas.
CÉSAR *(Erguendo-se.)*
— Muito obrigado, senhor Ramos.
RAMOS — Sente-se.
(César senta-se.)
Antes, porém, que as coisas vão mais longe,
Uma revelação fazer-lhe quero
Imposta pela minha lealdade.
(À parte.) Lá vai!
(Alto.) Sou pobre.
CÉSAR *(Erguendo-se como tocado por uma mola.)*
— É pobre!
RAMOS — Muito pobre.
Infelizmente perdi tudo. Sente-se.
CÉSAR *(Seco.)*
— Estou perfeitamente.
RAMOS *(Erguendo-se.)*
Nesse caso,
Levanto-me eu também, meu caro amigo.
CÉSAR — Mas como foi?...
RAMOS — Cavalarias altas!
Joguei na baixa.
CÉSAR — E perdeu tudo?
RAMOS — Tudo,
A começar pelo juízo... Apenas
Desse naufrágio me escapou a honra.
CÉSAR *(Naturalmente.)*
— Mas de que vale a honra sem dinheiro?
RAMOS *(Depois de estremecer como se o esbofeteassem.)*
— Basta! não é preciso ouvir mais nada!
Lucas, vem cá!
CÉSAR — Que significa isto?
RAMOS — A experiência fica em meio apenas.

CENA V

JOÃO RAMOS, CÉSAR SANTOS, LUCAS

RAMOS *(A Lucas que entra.)*
— Imaginavas que este sujeitinho,
Ouvindo-me dizer que eu era pobre,
Ao fresco se pusesse *incontinenti;*
Pois bem: sou eu, vais ver, que o ponho fora
Da minha casa honrada, e, se o não ponho
A pontapés, é porque nesta idade
Não há mais pontapés que deixem marca!
CÉSAR — Senhor!
RAMOS *(A Lucas.)*
— Quando eu lhe disse que era pobre,
Mas que era honrado, respondeu-me, filho,
Que a honra nada vale sem dinheiro!
LUCAS — O dinheiro sem honra há quem prefira.
(Vai buscar a bengala e o chapéu de César Santos.)
RAMOS — Saia já desta casa!
(Movimento de César. Com mais força.)
Saia!
LUCAS — Saia...
E nada lhe responda: é o mais prudente.

(César encolhe os ombros, toma o chapéu e sai com arrogância. João Ramos fica muito agitado, a percorrer a cena.)

CENA VI

JOÃO RAMOS, LUCAS

RAMOS — Que cinismo! que despejo!...
Quatro murros merecia!...
LUCAS — Então? eu não lhe dizia?
Mal empregado badejo!
Vamos lá! Não se apoquente,
Que está salva a sua filha...
Mas olhe que se ele a pilha!...
RAMOS — Não a pilhou felizmente!
LUCAS — Temos o outro namorado
E uma nova experiência...

RAMOS — Mas esse — tem paciência —
É moço muito educado,
Incapaz de dar-me um couce
Como aquele sevandija!
(Falando para a porta por onde César saiu.)
Há de haver quem te corrija,
Meu descarado!
LUCAS — Acabou-se.
Não se trata desse agora,
Mas do bandolim Ferraz...
RAMOS — Que também me deixe em paz!
Que também se vá embora!
Se um bruto casa com ela,
Um dia prego-lhe um tiro!
LUCAS — Esteja calmo.
RAMOS — Prefiro
Que vá de palma e capela
Quando morrer!
(Pausa, durante a qual o velho procura serenar-se.)
Mas que dizes
Do tal namorado piegas?
Já agora acredito às cegas
Em tudo de que me avises!
LUCAS — Não creio que ele pratique
Uma ação indecorosa:
Mas é muito tolo... é prosa...
Presta-se muito ao debique,
E de ridículo a dose
Que traz em si, permanente,
Refletirá fatalmente
Sobre a mulher que ele espose.
Há de ser um desconsolo,
Meu caro, que a filha sua,
Sempre que sair à rua
Vá pelo braço de um tolo.
Ele tem muitas patacas,
E ainda há de herdar de uns matutos,
Para comprar mais charutos
E novas sobrecasacas;
Mas todo esse cobre junto,
Toda essa bela milhança,
Entrando em conta a esperança
Dos sapatos de defunto,
Que vale nas mãos de um homem

Desses — e é grande a cambada! —
Que, não produzindo nada,
Enormemente consomem?
Quem vive dessa maneira,
E do seu fausto se gaba,
Por via de regra acaba
Por não ter eira nem beira.
Ambrosina — coisa horrível! —
Nas mãos desse desfrutável,
Tem a pobreza provável,
Tem a miséria possível!

RAMOS *(Erguendo-se.)*
— Qual há de ser o espantalho?

LUCAS — À puridade lhe diga:
— “Quer casar coa rapariga?
Pois bem: procure trabalho!”
Se o senhor assim o avisa,
Faço todas as apostas
Em como, voltando as costas,
Ele aqui nunca mais pisa.

RAMOS — Pois manda-o cá!

LUCAS — Vou mandá-lo.
Verá como a coisa pega!
Fale-lhe teso!

RAMOS — Sossega:
Teso, bem teso lhe falo! *(Lucas sai.)*

CENA VII

JOÃO RAMOS, *[só]*

[JOÃO RAMOS (*Só.*)]
— Oh! venturoso o pai que lhe entregar a filha!
Vinte e dois anos só! Quando este bigorrilha
Contar os que já conto, há de ser um portento!
Aquilo sim, senhor, aquilo é que é talento!
É ele a boca abrir, são flores e mais flores!
Até me faz lembrar Jesus entre os doutores!
Devia tê-lo feito entrar na Academia...
Que brilhante orador, que bacharel daria!...

CENA VIII

JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ

RAMOS — Venha, meu caro amigo, e me desculpe
Se o privei de mais doce companhia;
Mas é preciso que nos entendamos
Sobre assunto que muito me interessa.

BENJAMIN — Antes de prosseguir, Senhor João Ramos,
Cumprimentá-lo quero entusiasmado:
Tem uma filha verdadeiramente
Artista; o bandolim, nas delicadas
Mãos de dona Ambrosina, diviniza-se!
Ouvi três peças cada qual mais bela!
Que brio! que expressão! que sentimento!...

RAMOS — Gosta muito de música?

BENJAMIN — Muitíssimo.

RAMOS — E que instrumento é o seu?

BENJAMIN — Nenhum.

RAMOS — É pena.

BENJAMIN — Mas tive um primo que tocava flauta.

RAMOS — Queira sentar-se aqui nesta cadeira,
E prestar-me atenção.

BENJAMIN *(Sentando-se.)*
— Sou todo ouvidos.

RAMOS *(Depois de sentar-se também.)*
— Há quinze dias, no Teatro Lírico,
Num camarote eu estava coa família
E o senhor na platéia.

BENJAMIN — A companhia
Cantava o *Mefistófeles,* de Boito.

RAMOS — Mas o senhor pouca atenção prestava
À Margarida, ao Fausto e ao Mefistófeles,
E do meu camarote não tirava
Os olhos, com binóculo ou sem ele.
Bom. Nós éramos três no camarote...

BENJAMIN — O senhor, a senhora dona Angélica
E a nossa genial bandolinista.

RAMOS — Ora, não creio que os olhares fossem
Dirigidos a mim, que sou marmanjo,
Nem a minha mulher, que é mulher velha;
Não é preciso, pois, ser muito esperto
Para ver que o seu alvo era Ambrosina.
(Benjamin sorri.)
Acabado o espetáculo, na porta

O senhor esperou por nós... por ela,
Quero dizer, e suspirou tão alto,
Que a atenção provocou de toda a gente!

BENJAMIN *(Suspirando.)*
— Ai! não sei suspirar de outra maneira!

RAMOS *(À parte.)*
— Vá suspirar pro diabo que o carregue!
(Alto.) Já na manhã seguinte o seu cavalo
Passava com o senhor em cima dele,
E nas outras manhãs esse passeio
Reproduzido foi às mesmas horas.
E se à janela minha filha estava,
O senhor lhe fazia um cumprimento,
Caracolando com mais graça, e ela
Correspondia ao cumprimento.

BENJAMIN — Vejo
Que tudo sabe.

RAMOS — Eu sou bom pai.

BENJAMIN — Decerto.

RAMOS — Achando no senhor um bom partido,
Para almoçar comigo convidei-o,
E, pra não parecer que convidava
Um namorado e lhe impingia a filha,
O César Santos...

BENJAMIN — Onde está?

RAMOS — Muscou-se
(Continuando.)
Muscou-se
O César Santos, que conosco estava,
Foi também convidado. O que eu queria,
Trazendo-o para junto de Ambrosina,
Era fazer com que se aproximassem
E se entendessem de uma vez por todas.

BENJAMIN *(Erguendo-se.)*
— Senhor João Ramos, eu não sei quais sejam
Os sentimentos dela a meu respeito,
Porque, se bem que nos aproximássemos,
Inda não conversamos um com o outro;
Se ela quiser ser minha esposa amada
E da minha riqueza ter metade,
O mais feliz serei dos namorados;
Se não quiser, o mais inconsolável.
Inda há poucos momentos eu gostava
De sua filha pela formosura

Com que a dotou a natureza apenas;
Mas depois que a ouvi, arrebatado,
Naquele doce bandolim, que as pedras,
Como a lira de Orfeu, mover podia,
Sinto aqui dentro uma impressão mais forte!
Isto é amor, não é namoro; isto
É mais que amor, talvez; paixão, quem sabe?

RAMOS *(Erguendo-se.)*
— Paixão? Não exagere meu amigo!

BENJAMIN *(Idem.)*
— As paixões, meu senhor, assim começam.
O que é preciso para transformar-nos?
Um simples bandolim!

BENJAMIN — Antes que as coisas
Vão mais longe, meu caro, é indispensável
Que sobre um grave assunto conversemos,
Muito mais positivo e mais...

BENJAMIN — Permita
Que o interrompa. Eu sei de que se trata.
Sou rico, sou riquíssimo: não quero
Coisa nenhuma. Ela tem dote? Guarde-o!
Nada tenho com isso. O meu dinheiro
De nós ambos será. Divido tudo;
Só não divido o coração, que é dela!

RAMOS *(À parte.)*
— O Lucas enganou-se.

BENJAMIN — Ela que faça
Do dote o que quiser. O meu desejo
Era esposar uma donzela pobre...
Dona Ambrosina tem um patrimônio
No nome de seu pai: isso me basta,
Porque dote melhor não há que a honra.

RAMOS *(Entusiasmado.)*
— Sim, senhor! Isto é que é falar! Amigo,
Quero apertá-lo nos meus braços! Viva!
(Depois do abraço.)
Mas não é disso que eu tratar queria...

BENJAMIN — Então fale, senhor! Ordene! Imponha
As condições que desejar, contanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ela!
A tudo estou disposto!

RAMOS — A tudo?

BENJAMIN	— A tudo!
RAMOS	— A trabalhar também?
BENJAMIN	— Eu não percebo.
RAMOS	— Vai perceber. Exijo que o meu genro, Embora seja rico, muito rico, Tenha um meio de vida; que trabalhe; Que em qualquer coisa ocupe a inteligência, E que produza, não consuma apenas.
BENJAMIN	— Aceito a condição. Não tenho jeito Para coisa nenhuma nesta vida, Mas estou pronto a trabalhar!
RAMOS	— Deveras?
BENJAMIN	— Faço-me industrial: monto uma fábrica, Ou lavrador e compro uma fazenda, Ou negociante e abro uma casa.
RAMOS	— Bravo!
BENJAMIN	— Se o senhor consentir, serei seu sócio Na loja de ferragens.
RAMOS	— Bela idéia!
BENJAMIN	— Ou serei simplesmente seu caixeiro, E a vida levarei a contar pregos! Finalmente, disponho-me ao trabalho!
RAMOS	— Trabalhará?
BENJAMIN	— Trabalharei, contanto Que não me negue a mão de sua filha, Porque eu não posso mais passar sem ela!
RAMOS (À *parte.)*	— Dê-me algum tempo. Vou pensar no caso. Pois já não me parece tão ridículo!
BENJAMIN	— Oh! temos muito tempo: este pedido Não é ainda o oficial; se o fosse, Eu seria incorreto. Ao vir pedir-lhe Oficialmente a mão de sua filha, Vestirei a casaca e trarei luvas.

(Vai sentar-se a examinar o álbum.)

RAMOS *(À parte.)*

— Voltou a ser ridículo, coitado!

CENA IX

JOÃO RAMOS, BENJAMIN FERRAZ, LUCAS, *depois* AMBROSINA, *depois* DONA ANGÉLICA

(Lucas entra e, admirado de encontrar Benjamin, dirige-se a João Ramos.)

LUCAS — Então ele ficou?
RAMOS — Meu filho, o resultado
Da experiência foi o mais inesperado!
LUCAS — Que me diz o senhor?
RAMOS — O pobre Benjamin,
Depois que minha filha ouviu ao bandolim,
Deitou paixão violenta, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!
(Afasta-se e vai para junto de Benjamin.)
LUCAS *(À parte.)*
— Maldito bandolim! desperta uma paixão
Que vai dificultar a minha situação!
(Ambrosina entra e, admirada de encontrar Benjamin, dirige-se a Lucas.)
AMBROSINA — Então ele ficou?
LUCAS — Menina, o resultado
Da experiência foi o mais inesperado!
AMBROSINA — Lucas, que estás dizendo?
LUCAS — O nosso Benjamin...
AMBROSINA — Acaba! Ele que fez?
LUCAS — Graças ao bandolim,
Deitou paixão por ti, e ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!
(Afasta-se.)
AMBROSINA *(À parte.)*
— Maldito bandolim! Se adivinhasse tal,
Ou eu não tocaria ou tocaria mal!
(Entra dona Angélica e, admirada de encontrar Benjamim, dirige-se a Ambrosina.)
ANGÉLICA — Então ele ficou?
ANGÉLICA — Mamãe, o resultado,
Da experiência foi o mais inesperado!
AMBROSINA — Que estás dizendo, filha?
AMBROSINA — O senhor Benjamin,
Quando me ouviu tocar, deitou paixão por [mim!
ANGÉLICA — Paixão?
AMBROSINA — Paixão violenta! E ao trabalho se arroja!
Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!
ANGÉLICA — E que intentas fazer?

AMBROSINA — Com ele conversar.
Livres do apaixonado havemos de ficar.
Leve papai pra dentro e tudo lhe revele...
Diga que o Lucas me ama e que eu sou noiva
[dele.
LUCAS *(Descendo entre as duas senhoras.)*
— Que estão a cochichar?
Vai lá pra dentro, vai!
Lá irá ter mamãe, lá irá ter papai.
LUCAS — Com ele ficas só? Vê lá o que vais fazer!
AMBROSINA — Nesta combinação não tens que te meter.
(Lucas encolhe os ombros e sai.)
Chame papai.
ANGÉLICA — Ó João, vem cá; de ti preciso
Na sala de jantar.
RAMOS *(Erguendo-se, à parte.)*
— Oh, que mulher de juízo!
Já tudo compreendeu... e quer deixá-los sós.
(A Angélica.)
(Angélica sai.A Ambrosina.)
Um maridão! *(Sai.)*
AMBROSINA — Pois sim!
(Olhando para Benjamin.)
Agora nós!...

CENA X

BENJAMIN FERRAZ, AMBROSINA

(Benjamin está tão entretido com o álbum, que Ambrosina se aproxima dele sem ser pressentida.)
AMBROSINA — Senhor Ferraz?
(Benjamin estremece, levanta-se e deixa o álbum.)
BENJAMIN — Minha senhora?
Ninguém aqui?... Ninguém!... Só nós!...
(Quer retirar-se.)
AMBROSINA — Oh! venha cá..... não vá-se embora...
Meto-lhe medo?
BENJAMIN — Estamos sós...
AMBROSINA — Não é razão para fugir-me.
BENJAMIN — Mas eu não devo aqui ficar.
Do *savoir-vivre* às leis sou firme!
Vou para a sala de jantar.

AMBROSINA — Espere... Peço-lhe que fique...
BENJAMIN — Devo, portanto, obedecer.
AMBROSINA — É necessário que eu lhe explique...
Tenho uma coisa que dizer.
BENJAMIN — Tremendo estou! De que se trata?
AMBROSINA — Dessa... paixão que tem por mim.
BENJAMIN — Paixão terrível, insensata,
Que devo àquele bandolim!
AMBROSINA Pois bem, senhor: de mim se esqueça...
Não alimente essa paixão...
Busque outra moça que o mereça
E tenha livre o coração!
BENJAMIN — Porém seu pai, minha senhora...
AMBROSINA — Só do que é seu pode dispor:
Não quererá impor-me agora
Um casamento sem amor!
BENJAMIN — Essas palavras, proferidas
Pelos seus lábios virginais,
São cruéis armas homicidas!
Não são palavras: são punhais!
AMBROSINA — Esta satisfação aceite...
BENJAMIN — Quem é, senhora, o meu rival?
AMBROSINA — Lucas, o meu irmão de leite.
BENJAMIN — Ele?! No entanto...
(À parte.) Então? que tal?
(Alto.) Amam-se?
AMBROSINA — Oh! — desde pequenos!
BENJAMIN *(Levando a mão ao peito.)*
— Data, senhora, esta afeição
De menos tempo...
AMBROSINA — Muito menos.
BENJAMIN — Mas não tem menos intenção!
AMBROSINA — Senhor não vá ficar magoado,
O *savoir-vivre* assim o quer...
Quem o lugar achar tomado,
Outro procure se quiser.
BENJAMIN — Diz muito bem.
(Vai buscar o chapéu e a bengala.)
Oh! fados cegos!
Mágoa cruel comigo vai!
E eu estava pronto a contar pregos!
A ser caixeiro de seu pai!
(Limpa uma lágrima.)
AMBROSINA — Outra o compreenda! outra o console!

BENJAMIN — Vou viajar, pois só assim
Do peito meu talvez se evole
O último som do bandolim!
Adeus, ó sonho meu perdido!
AMBROSINA —Não se despede de meus pais?
BENJAMIN — Bastantemente despedido
Já estou aqui. Para que mais?
Que Deus a faça venturosa
Hei de a rezar pedir a Deus!
Adeus, quimera cor de rosa!
Sonho... ilusão... visão, adeus! *(Sai.)*
AMBROSINA *(Só.)*
— Pobre rapaz!

CENA XI

AMBROSINA, JOÃO RAMOS, LUCAS, DONA ANGÉLICA, *depois o* COPEIRO

RAMOS — Ambrosina!
Vem cá, filhinha, vem cá!
ANGÉLICA — Não assustes a menina!
RAMOS — O Benjamin onde está?
AMBROSINA — Deixou-lhe muitas lembranças.
LUCAS — Foi-se?
AMBROSINA — Foi... rezar por mim
RAMOS — Oh, senhor, estas crianças!
Coitado do Benjamin!
ANGÉLICA — Mas tu... tu nada nos dizes?
RAMOS — Mulher, que posso eu dizer?
Felizes, muito felizes
Conto que ambos hão de ser.
(Entre Lucas e Ambrosina.)
Mas como nem um momento
Eu me lembrei, filhos meus,
De que era este casamento
Aconselhado por Deus?
Como visse os dois maganos
Crescerem nas minhas mãos,
Durante vinte e dois anos
Considerei-os irmãos!
Não me entrou na fantasia,

Nem um minuto sequer,
Que dois irmãos algum dia
Fossem marido e mulher!
E eu, tonto, andava à procura
De um genro na multidão,
Sem reparar que a ventura
Tinha ao alcance da mão!

(Deixando-os.)

A culpa tiveste-a, Lucas!
Não foste franco, por quê?
E vocês, suas malucas,
Tiveram medo, de quê?

LUCAS — Temiam que o casamento
Não lhe agradasse talvez...

RAMOS — Se não há impedimento!
Valha-me Deus, que vocês!...
Que todo o mundo respeite
A suspirada união!
Beberam do mesmo leite?
Pois comam do mesmo pão!

O COPEIRO
(Entrando.) — O jantar está na mesa.

RAMOS — Sim, senhor. Pode sair,
Mas vá, com toda a presteza,
Essa casaca despir!

(O Copeiro sai.)

As etiquetas dispenso!
Eu para luxos não dou!

ANGÉLICA — Do badejo que era imenso,
Um bom pedaço ficou.

RAMOS — Do tal almoço é sobejo!
Manda-o da mesa tirar!
(Dona Angélica sai.)

LUCAS — Mal empregado badejo!

RAMOS — Meus filhos, vamos jantar.

[(Cai o pano.)]